

## A ESCOLA QUE VIVI

Nilza Pinto Queiroz

Sou uma entusiasta da escola pública e o termo “democratização” define o que penso: bem social que deve ser estendido a todas as pessoas. Somente dessa forma, poderemos escolher valores.

Convidada que fui para dar depoimento da minha vida escolar, passo a relatar o seguinte:

A primeira luz do aprendizado escolar recebi, em casa, com a mamãe, que sempre teve o cuidado de ensinar aos seus filhos o alfabeto, os números até 10 e a fazer com que eles “desenhassem” o nome.

Em 1940 fui matriculada na Escola “Modelo” Barão de Melgaço, dirigida pela Prof<sup>a</sup>. Alina Nascimento Tocantins, já falecida. Ao que sei, a referida Escola era o “modelo” para as demais.

Com o aprendizado caseiro, parti para a escola, aos 7 anos; tive, como mestra, a Prof<sup>a</sup>. Marcelina de Campos, também falecida, normalista competente e educada, a qual nos tratava com muito carinho e energia. A ordem e a disciplina reinavam na sua sala de aula; ela mantinha uma tábua em cima de sua mesa que servia para controlar a ausência da criança, quando esta se dirigia ao banheiro. Não era permitido dupla ou trinca da mesma classe “passeando” ou conversando “fiado” pelos sanitários. Quando a tábua não estava sobre a mesa da professora, significava que havia criança fora da sala. Cada um que pegava a tábua dizia: “Professora, vou à breve”, a frase deve estar deturpada pela ação do tempo; acredito que o correto devia ser: “Vou breve”, isto é, vou rápido, por pouco tempo.

A simplicidade imperava em tudo: casa de adobe sem forro - talvez por causa do clima -; pote d’água no canto da sala; bacia com água, erguida num tripé para a professora lavar as mãos; estrado onde se assentava a mesa da mestra. A hierarquia começava com o estrado: a altura do professor tem que ser superior à do aluno - desde o nível do solo. Sempre foi assim e deu certo - cada um no seu lugar.

Para o 1<sup>o</sup> ano escolar, o aluno precisava ter:

- 7 anos completos, ou a completar, até o mês de maio;

- uniforme: saia azul-marinho e blusa branca;

- material escolar: caderno, lápis, borracha e livro adotado.

Com o mínimo de material, cada Professor competente alfabetizava de 30 a 40 alunos! Na minha turma todas foram aprovadas e partimos para o

2º ano, sabendo ler e escrever.

Nos 2º e 3º anos, estudei com a Profª Cirina Molina, também normalista capacitada e dedicada às alunas. Lembro-me que as crianças que tiveram dificuldade em entender divisão foram convidadas a ir a sua casa, pela manhã, a fim de compreender a conta e ficar no mesmo nível das demais crianças - a isso chamo de recuperação - o que se fazia em 1942! Fazer com que a criança vença a dificuldade.

No 4º ano convivi com a Profª Carolina de Souza Bouret, outra normalista que lecionava com amor e sempre se devotou à causa do ensino primário.

Durante esses 4 anos, nosso recreio era no Jardim Ipiranga, soltas, livres, sendo supervisionadas pelas mestras. Convém dizer que a Escola "Modelo" Barão de Melgaço funcionava no prédio ocupado, atualmente, pela Imprensa Oficial do Estado.

A par da escolaridade propriamente dita, as Professoras e a Diretora cuidavam das partes cívica, artística e recreativa, comemorando as datas históricas e promovendo teatro, danças, declamações, oratórias, etc. O orador-mirim, do meu tempo era o Clóvis de Mello, que me deixava orgulhosa, por ser produto do nosso bairro. A Professora Zulmira Canavarros estava em todas as festas do Curso Primário; era ela a pianista que nos ensaiava e nos ajudava a ser artistas no palco daquela saudosa escola!

Veza por outra, recebíamos visita do inspetor do ensino, Profº Francisco Ferreira Mendes; este conversava com a Professora a respeito da matéria ensinada e pedia licença para argüir a turma.

Quando um visitante entrava na sala de aula, a Professora nos transmitia um olhar ao que atendíamos de imediato, levantando-nos das nossas carteiras escolares, em sinal de reverência. Somente tomávamos assento, novamente, com a ordem da Professora ou do visitante.

Nessa época, a merenda escolar começou a funcionar, mas não atingia a todos. Fazia-se um levantamento, excluindo aqueles que levavam merenda da sua casa.

Todo aluno, a partir do 2º ano, levava tinteiro para escrever à tinta. Colocávamos o vidro de tinta numa caixa vazia de pó-de-arroz, tendo o cuidado de fazer um buraco na tampa da caixa, para sair o gargalo ou o "pescoço" do vidro. Se aumentássemos o passo a tinta fervia e tínhamos que abrir o vidro para baixar a "fervura". Muitos anos depois surgiu a caneta esferográfica, cujo preço é acessível a todos os bolsos e sua utilidade é inquestionável, principalmente para quem viveu a época que descrevi. O castigo que se aplicava ao aluno tinha o valor moral. Não se batia em criança, tinha-se respeito por elas, única maneira de receber reciprocidade. Quando a criança não sabia o ponto, ficava na "filinha", que significava o seguinte:

- Como a fila era arrumada por altura, da menor para a maior, ao concluir essa ordem, começava outra fila, de quem não soubera a lição ou não se comportara dignamente. Era a maior desmoralização ficar na "filinha"!

Concluí o Curso Primário e me vi no "Exame de Admissão", ou seja, no 5º ano, sob os cuidados da Profª Amélia de Arruda Alves, da 1ª turma de Normalista de Cuiabá. Que excelente professora! A escola era numa das salas de sua casa e a "Amelinha Lobo" dominava tudo: a competência, a ordem, o entusiasmo e a seriedade do estudo, pois estávamos nos preparando para sair do primário ao Ginásio. O quintal da casa da professora era sortido de frutas, mas não tínhamos acesso a ele, para não perder tempo. Somente no fim do ano, com a aprovação de todos, a professora Amelinha deu uma festa no seu quintal, onde nos proporcionou merenda, frescos e uma série de brincadeiras por toda a tarde. Nesse dia a confraternização foi geral: professora, alunas e alunos congratulando-se pela estrondosa vitória. No "Exame de Admissão" a turma era mista, mas não se permitia brincadeiras ou troca de olhares em sala de aula.

Novamente, na escola do Estado - Colégio Estadual de Mato Grosso, após ser submetida à prova escrita e oral, com redação, banca examinadora, inspetor federal e até convidados! Nada de prova marcada com "X". No primeiro semestre, a escola funcionava no Palácio da Instrução; no segundo, fomos transferidas para a Praça Gal. Mallet, na imponente escola, construída pela firma Coimbra Bueno, contratada no Governo Júlio Muller. Ficamos deslumbrados! Estávamos saindo de uma construção de adobe para uma de alvenaria; substituímos o pote de d'água pelo bebedouro elétrico, com água gelada; as lousas eram verdes - até então achávamos que a palavra quadro-negro era imutável; na sala de Ciências estudávamos o corpo humano num esqueleto medonho e, paralelamente, convivíamos com uma figura em tamanho natural, de massa, que imitava uma pessoa de carne e osso; nela estudávamos as veias do corpo. Em outra sala, familiarizávamos com objetos com nomes de pipeta, proveta, balança centesimal, etc., onde fazíamos experiências.

O Colégio Estadual era, ou melhor, é imponente! Sua construção do tipo colonial mostra, na entrada principal, escadarias de mármore que nos leva ao anfiteatro. No palco, olhando a parede do fundo, vemos o mapa do Estado de Mato Grosso, em alto-relevo - refiro-me ao mapa antes da divisão do Estado.

Esse anfiteatro foi muito freqüentado pelos alunos, que eram convidados para participar de comemorações históricas; nessas datas, discursava, primeiro, o Diretor do Colégio - Professor Jercy Jacob; em seguida, os professores previamente designados, finalizando com

apresentações cívicas, a cargo dos alunos, sempre orientados por professores. Festa cívica não se misturava com festa folclórica; os desfiles do 8 de Abril, de 7 de Setembro consistiam em marcha, numa só cadência, com uniforme escolar; nada de fantasias ou gastos supérfluos, à semelhança de desfile da primavera.

Em meio a toda essa mudança do Curso Primário para o Curso Ginásial, retornaram do Rio de Janeiro, devidamente diplomadas em Educação Física, as Professoras ANA MARIA DO COUTO - nossa saudosa May e ALAÍDE ADDOR, ambas lotadas no colégio Estadual de Mato Grosso.

Eu era aluna de Alaíde Addor que, juntamente com a May, preparava a "demonstração" anual, para exibição no Ginásio de Esportes ou na quadra gramada do Colégio Estadual. Aquilo era serviço de gigante para as duas professoras! Além da rotina de ministrar aulas de Educação Física, elas ensaiavam conosco, dois ou três meses, diariamente, em horas extras, para elas e para nós, com o objetivo de demonstrar ao público o que sabíamos em termos de educação física. Até então, a direção da escola se preocupava em aprimorar o espírito, o caráter da juventude. Os exercícios físicos eram executados por homens e aplicados com rigor aos estudantes do sexo masculino. As alunas faziam ginástica do tipo "eclectica", isto é, o que havia de melhor em outros sistemas; os exercícios se destinavam a enrijecer os músculos dos braços e das pernas, a afinar a cintura, a consertar as costas encurvadas, etc. Pelo que se viu, a preocupação era somente com o fundamental.

Com a chegada das duas professoras, May e Alaíde, passamos a fazer ginástica competitiva e entender que a ginástica era importante para o nosso corpo, assim como as outras disciplinas, para o nosso espírito, além disso, achávamos nossas professoras bonitas e elegantes e queríamos seguir seus caminhos. A companhia delas era uma festa para todas nós!

Ao concluir o Curso Ginásial, deixei o Colégio Estadual, para fazer o 2º grau.

Três opções:

- Curso Científico, para quem podia continuar os estudos;
- Escola Normal, onde se obtinha o título de Professora, a nível regional;
- Escola Técnica de Comércio, para exercer a profissão de Técnico em Contabilidade, em qualquer região do país.

Escolhi a última porque o título contábil, sua atuação, ultrapassava o Estado de Mato Grosso e dava-me prerrogativas no território nacional.

Novo "vestibular", para se ter direito à matrícula.

A essa altura, ainda menor de idade, portanto, com carteira vermelha

expedida pela Delegacia do Trabalho, trabalhava de dia e estudava à noite. Havia uma lei que isentava de mensalidade os comerciários que fizessem o Curso Técnico de Contabilidade. Eu não pagava nada! Tinha uma escola - também da rede estadual com professores qualificados, onde recebia ensinamentos de alto nível. Minha obrigação? - presença obrigatória nas salas de aula, interesse pelo aprendizado, provas escritas mensais e provas final, escrita e oral, sendo que, na prova oral, o aluno se submetia, também, à banca examinadora - à semelhança do Exame de Admissão e do Ginásio.

Já prestaram atenção na qualidade do ensino que o Estado colocava à nossa disposição, com o mínimo de custo aos nossos pais e com o máximo de rendimento por parte dos alunos?

Quando eu fazia o 2º Grau, não sabia avaliar o valor daquela escola; minha conscientização foi despertada, anos depois, quando - já no serviço público federal - apareceu-me a oportunidade de concorrer ao cargo de Técnico em Contabilidade. Ao receber a programação do concurso a nível nacional, encontrei toda a matéria nos meus cadernos do 2º Grau! Na época, nosso isolamento dos grandes centros era total! Nossos professores eram cuiabanos; nossas roupas eram confeccionadas por costureiras inteligentes, também de Cuiabá; nossas refeições eram abastecidas de produtos da terra mato-grossense. O rádio era o nosso meio de comunicação com os grandes centros.

Senhores leitores: - prestem atenção na revelação que vem agora: Eu não sabia que era pobre! Descobri ao concluir o 2º Grau, porque entendi que os meus estudos ficariam limitados, por falta de condições de prosseguir-los em grandes centros, em busca do 3º Grau ou Curso Superior. Digo que não sabia da pobreza, porque a situação de igualdade em que eu vivia em Cuiabá não me dava condições para fazer essa distinção.

1) estudava no Colégio do Estado, onde estudavam as filhas do Interventor Júlio Müller.

2) levava merenda caseira: pão com bife, bananinha, laranja, etc. - como faziam as demais;

3) vestia uniforme azul-marinho e branco, com sapato preto - roupa adotada pelo estabelecimento escolar;

4) nenhuma professora me menosprezava, pelo contrário, sempre me tratava com dignidade;

5) freqüentava o Clube Feminino - onde se reunia, socialmente, a gente de bem- diferente de "gente bem";

6) todos andavam a pé.

Por essas considerações, eu não conhecia marginalidade e, portanto, me sentia dentro de tudo que acontecia em Cuiabá, quer no meio escolar ou no meio social.

Nas escolas do Estado, a escolaridade caminhava paralela com a educação; nossas professoras eram educadas e se vestiam muito bem, isto é, com decência e bom gosto. Eu achava linda a apresentação da Diretora Alina Nascimento Tocantins, com vestidos de seda esvoaçantes, nos dias de gala! A Marcelina de Campos, a Cirina Molina e a Carolina de Souza Bouret, minhas professoras, também não ficavam por trás, todas muito bem lembradas naquela saudosa Escola "Modelo" Barão de Melgaço.

A lembrança do curso primário nos acompanha pela vida afora em contato com a mesma professora, seus ensinamentos, sua educação, sua capacidade, seu amor devotado na multiplicação do saber.

No Ginásio a vida é outra e já devemos estar firmes nos princípios elementares de educação, escolaridade e formação do nosso caráter, porque a vigilância vai se afastando dos alunos, e eles já devem saber o que está certo ou errado.

No 2º Grau, somos tratados como adultos, responsáveis pelos nossos atos, pois estamos a um passo de ingressarmos no trabalho - essa máquina geradora do progresso.

A escola Normal, para a formação de professores, é fundamental; o desenvolvimento não se inicia com bens materiais; começa com pessoas e sua educação, organização e disciplina. Sem esses três elementos, todos os recursos permanecem latentes, inexplorados, potenciais.

Ao encerrar meu depoimento sobre a escola pública estadual, devo dizer que tenho orgulho de haver estudado do primário ao 2º Grau - com exceção do Exame de Admissão que era particular - em colégios da rede estadual de Mato Grosso, onde encontrei excelentes normalistas que transmitiam seus conhecimentos, sem reserva de domínio.

O ensino deve ser simples, claro e eficiente. Se o Estado, há 40 anos, podia nos oferecer escolas de categoria, por que agora teme pelos resultados!? Temos tudo para vencer:

- 1) alimentação, pois Mato Grosso se prepara para ser o celeiro do Brasil;
- 2) gente escolarizada para transmitir ensinamentos;
- 3) gama de crianças carentes de instrução e dignidade humana.

No programa de Chacrinha, ele dizia que o problema de educação é com o Ministério de Educação e, para se desincumbir da parte cultural, ele anunciava: "Eu não vim para ensinar, eu vim para confundir". Não podemos aceitar a idéia da desqualificação do ensino no Estado de Mato Grosso. Ele tem que ser aberto a todos, com o mínimo de preço, com palavreado entendível para que o aluno seja esclarecido e não confundido.